



**CONTRIBUIÇÕES DOCENTES NO COLÉGIO ESTADUAL  
INDÍGENA DOM JACKSON BERENGER PRADO****TEACHING CONTRIBUTIONS AT THE DOM JACKSON  
BERENGER PRADO INDIGENOUS STATE COLLEGE**

Altmicks, Anayme Aparecida Canton<sup>1</sup>  
Altmicks, Alfons Heinrich<sup>2</sup>

**RESUMO**

Esse artigo trata das contribuições que os professores indígenas do Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado, sito ao Território Indígena do Massacará, Euclides da Cunha, Bahia, fornecem à cultura e à identidade Kaimbé, a partir do seu currículo etnicamente diferenciado e das suas práticas pedagógicas. Nesse tema, o objetivo dessa investigação foi o de analisar as perspectivas desses professores, em reação às suas práticas pedagógicas, identificando os entraves e as contribuições para a legitimação da identidade e da cultura indígena Kaimbé. À guisa de metodologia, esse artigo representa uma pesquisa de prospecção, com enfoque qualitativo, fundamentada na técnica da aplicação de entrevistas semiestruturadas. Ao findarem os esforços de investigação, ficou constatado que as práticas pedagógicas dos professores indígenas da instituição são fundamentais para a manutenção da cultura e da identidade Kaimbé.

**Palavras-chave:** Território Indígena do Massacará. Etnia Kaimbé. Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado. Cultura, Identidade.

**ABSTRACT**

This paper deals with the contributions that indigenous teachers from Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado, located in the Indigenous Territory of Massacará, Euclides da Cunha, Bahia, provide to Kaimbé culture and identity, based on their ethnically differentiated curriculum and practices. pedagogical. In this theme, the objective of this investigation was to analyze the perspectives of these teachers, in reaction to their pedagogical practices, identifying obstacles and contributions to the legitimation of the Kaimbé indigenous identity and culture. As a methodology, this article represents a prospective research, with a qualitative approach, based on the technique of applying semi-structured interviews. At the end of the investigation efforts, it was

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação de Jovens e Adultos (UNEB). Docente da Escola Baiana de Comunicação (EBAC). E-mail: lotusbranca@live.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação (USCS), mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL). Docente da Escola Baiana de Comunicação (EBAC). E-mail: altmicks@gmail.com

found that the pedagogical practices of the indigenous teachers of the institution are fundamental for the maintenance of the Kaimbé culture and identity.

**Keywords:** Indigenous Territory of Massacará. Kaimbé ethnicity. Dom Jackson Berenguer Prado Indigenous State College. Culture, Identity.

## 1. INTRODUÇÃO

O Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado (CEIDJBP) está situado no Território Indígena do Massacará, lar da etnia Kaimbé, no Município de Euclides da Cunha, Bahia. Como previsto para instituições educativas indígenas, o CEIDJBP traz, como um dos seus escopos, o ímpeto de preservar a cultura da etnia, resguardando a identidade Kaimbé, seja através do currículo adotado, seja nas práticas pedagógicas, ou seja, ainda na interação entre o Colégio e a comunidade.

O tema que norteou esta investigação está circunscrito às contribuições que os professores do CEIDJBP fornecem à cultura e à identidade Kaimbé, a partir do seu currículo etnicamente diferenciado e das suas práticas pedagógicas. Dentro desse tema, o nosso objetivo maior foi o de analisar as perspectivas desses professores, em reação às suas práticas pedagógicas, identificando os entraves e as contribuições para a legitimação da identidade indígena Kaimbé. Trata-se de uma modesta pesquisa de prospecção, de enfoque qualitativo, fundamentada na técnica da aplicação de entrevistas semiestruturadas.

Em que pesem os seus limites, a importância desta investigação reside na possibilidade de abrir espaço para que esses professores indígenas se manifestem e comentem as suas práticas, evidenciando, assim, o protagonismo indígena na docência. Outrossim, diante da carência de estudos sobre a instituição educativa no Território Indígena do Massacará, esta pesquisa ganha relevância, por seu caráter de registro.

## 2. O COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA DOM JACKSON BERENGER PRADO

O CEIDJBP foi fundado no ano de 1968, com o nome de “Colégio Cenesista de Massacará”.  época, não representava uma instituição educacional indígena, posto que o Território Indígena do Massacará inexistia<sup>3</sup>. Assim, o Colégio Cenesista era direcionado  população heterognea que habitava o então “Povoado do Massacará”. Nesse momento inicial, o Colégio constava de somente três salas de aula, um único lavabo, um telheiro e uma pequena cozinha. Nesse espaço modesto, eram desenvolvidas atividades para turmas multisseriadas, do ginásial (atual Fundamental I e II, do 1o ao 9o ano).

A partir do reconhecimento do Povoado do Massacará como território indígena, na década de 1990, o Colégio Cenesista passou a se chamar “Centro Educacional Municipal Indígena Dom Jackson Berenguer Prado” (SOUZA, 1996; RAMOS, 2019). Nesse momento, a gestão da instituição era do Governo Municipal, que passou a oferecer, também, o Ensino Médio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Programa Todos Pela Alfabetização (TOPA). Em 2012, a instituição foi estadualizada, ficando subjugada à Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC), subscrito  Diretoria Regional de Educação 12 – DIREC 12/Serrinha.

Hoje, o CEIDJBP funciona em um prédio estadual, reformado em 2018, localizado no centro do Território Indígena do Massacará, contando com excelente infraestrutura: energia elétrica, água encanada, rede de internet e rede de esgoto. Em termos de itens para uso pedagógico, o Colégio dispo de tudo, de carteiras confortáveis a equipamento de multimdia. Além disso, possui seis salas para aulas, um laboratório digital, uma sala multifuncional para atividades com crianças especiais, uma biblioteca, sala de diretoria, dois banheiros comuns e um banheiro adaptado a necessidades especiais, refeitório, quadra e parque infantil (RAMOS, 2019).

Na instituição, atuam cinquenta e seis profissionais, que atendem a, aproximadamente, quinhentos e cinquenta alunos, distribuídos entre trinta e sete

---

<sup>3</sup> O Território Indígena do Massacará apenas foi delimitado, demarcado e desintrusado, nas derradeiras décadas do Século XX.

alunos na Educação Infantil; cento e quarenta e dois alunos no Ensino Fundamental I; cento e trinta e três alunos no Ensino Fundamental II; noventa e quatro alunos no Ensino Médio; cento e trinta e quatro alunos na Educação de Jovens e Adultos; e dezesseis alunos na Educação Especial (RAMOS, 2019).

O Projeto Político Pedagógico Escolar Indígena (PPPEI) do CEIDJBP foi desenvolvido por professores, estudantes, pais de alunos e lideranças Kaimbé, no ano de 2013. Esse PPPEI já foi atualizado por duas vezes, com a consecução da ajuda dos professores indígenas Kaimbé, que lá atuam. Esses professores, na sua maioria, são formados na Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (LICEEI), promovida pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (RAMOS, 2019).

O texto do PPPEI estabelece, como um dos objetivos para a instituição, o fomento à integração cultural Kaimbé, além da valorização da identidade indígena Kaimbé e da promoção da sua cultura. No escopo desse objetivo, duas novas disciplinas foram propostas para a instituição educativa: Língua Indígena e Identidade e Cultura. As duas estabelecem o eixo básico das atividades pedagógicas do Colégio, sobre as quais, os projetos são desenvolvidos. O ponto alto desses projetos costuma acontecer em outubro, quando a comunidade do CEIDJBP promove a Feira de Cultura Indígena Kaimbé (RAMOS, 2019.)

Em 2022, acontecerá a décima oitava edição da Feira de Cultura Indígena Kaimbé. Na ocasião, o Território Indígena do Massacará receberá centenas de visitantes (indígenas de outras etnias e não-indígenas). A Feira é muito importante para a divulgação da etnia Kaimbé, menor etnia indígena do estado da Bahia. Da mesma forma, é imprescindível para a divulgação das demandas dos Kaimbé, posto que costuma ter cobertura da mídia. Para os alunos do CEIDJBP, a Feira representa uma oportunidade de mostrar os seus projetos de Arte, Música, História Teatro etc. (RAMOS, 2019).

### 3. METODOLOGIA

Essa investigação representa uma pesquisa de prospecção, de enfoque qualitativo, com base na aplicação de entrevistas semiestruturadas. Uma das maiores vantagens da aplicação de entrevistas semiestruturadas é a possibilidade de realizar uma coleta de informações capaz de acolher as subjetividades, as experiências e as individualidades. Do diálogo com os sujeitos participantes, brotam narrativas sobre suas biografias, que se emaranham numa temporalidade/espacialidade, formando o amálgama individual e coletivo que revela o seu pertencimento e a sua identidade (DELORY-MOMBERGER, 2012). A escuta desses elementos subjetivos, formadores dessas individualidades, nos traz reflexões profundas que, por vezes, refletem a nossa própria imagem, uma vez que, como o concebe Delory-Momberger (2012, p. 41):

[...] A entrevista de pesquisa biográfica instaura assim um duplo empreendimento de pesquisa, um duplo espaço heurístico que age sobre cada um dos envolvidos: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo.

Os resultados obtidos na pesquisa nos trazem uma compreensão do indivíduo e de suas histórias, ao delinear a pesquisa e seus princípios, centrando nas experiências narradas compartilhadas entre entrevistador e entrevistado. No escopo desta investigação, foram entrevistados cinco professores que atuam no CEIDJBP. As entrevistas ocorreram, entre os meses de janeiro e abril de 2022, por vídeoconferência e através da rede social *Whatsapp*<sup>4</sup>.

Optamos por entrevistar os professores indígenas, para que as suas falas fossem legitimadas. É importante o lugar de fala dos professores indígenas Kaimbé, bem como o resgate das suas histórias e das suas memórias, desenvolvidas nas suas práticas pedagógicas. Segundo afirmaram, a História e as memórias Kaimbé foram se perdendo no tempo, gerando um movimento de construção de “memória às avessas”, uma vez que os mais jovens da etnia estão colhendo esses registros e trazendo para a

---

<sup>4</sup> Por causa da distância de deslocamento, não foi possível realizar as entrevistas, presencialmente.

escola – visto que os mais velhos, hoje, são em menor quantidade. Segundo Mignot e Souza (2015, p. 14):

Em contextos de pesquisas e em práticas de formação, os acordos mútuos entre sujeitos em formação bem como profissionais em acompanhamento e processos de mediação biográfica dialogam sobre o lugar da oralidade e da escrita como dispositivos que possibilitam reflexões sobre a vida, a formação, as trajetórias individuais e coletivas, bem como sobre o respeito à liberdade, autonomia e democracia individual e social. Garantir o respeito às narrativas, aos percursos de vida-formação e possíveis superações de formas de controle sobre o biógrafo e o biografado ou entre a escrita (auto)biográfica e as disposições de formação são férteis para explicitar contextos, conjunturas sociais, marcas individuais dos homens e mulheres em suas manifestações sobre a vida .

Nesse sentido, a pesquisa e o registro dessas histórias vêm fundamentar a importância das narrativas, como recursos pedagógicos indígenas e de construção de um material, legitimamente étnico, ou seja, que traga em seu escopo histórias de seu povo, como fica claro nas falas dos professores Kaimbé.

#### 4. ENTREVISTAS COM DOCENTES DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA DOM JACKSON BERENGER PRADO

Sobre a importância da Educação para a afirmação cultural e identitária, dos povos indígenas, podemos conferir as respostas dos professores no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: respostas dos professores à primeira pergunta da entrevista, 2022.

<b>Questão 1: Qual a importância da Educação para a afirmação cultural e identitária dos povos indígenas?</b>	
Professor A <sup>5</sup>	A educação escolar indígena afirma que os povos indígenas o direito de estabelecer e controlar suas instituições e sistemas educacionais, oferecendo as crianças educação em suas próprias línguas de acordo com seus próprios métodos culturais de ensino aprendizagem.

<sup>5</sup> Em respeito à condução eticamente correta da pesquisa, que prevê o anonimato dos participantes, os nomes dos professores entrevistados foram substituídos por letras do alfabeto.

Professor B	Então, a minha escola, estou fazendo o melhor quanto aos meus conhecimentos e nos assuntos aprendizado de cada aluno. Tudo que eu faço será em prol dos meus alunos. Tenho formação em pedagogia. Sou feliz com o meus alunados.
Professor C	Para mim uma escola especifica é um lugar que precisa de muita atenção e que as pessoas têm que estar em união, é muito importante a presença da família na escola.
Professor D	A escola indígena pra mim e muito importante pra que nós possamos passar pra eles o conhecimento das pessoas mais velhas ou seja, nossos antepassados, eles aprendam outras coisas da nossa aldeia que a escola não diferenciada não tem.
Professor E	Para mim é uma escola de esclarecimento de tudo que a gente sabe passando os conhecimentos da gente professor para os alunos, para que eles possam entender o que é educação. Eles vão entender que educação é os conhecimentos dos antepassados para a nova geração e eu acho muito importante porque todos os alunos que eu trabalho com eles gostam de ouvir as minhas histórias e isso pra mim é a grande importância do meu ensino.

Fonte: confeccionado por Canton (2020).

As respostas dos professores indígenas do CEIDJBP corroboram o que afirmam Silva e Silva (2020), sobre a importância de uma Educação Indígena, efetivamente, multicultural, comprometida com as realidades étnicas locais e, essencialmente, gerida por educadores indígenas, de cada etnia. No Massacará, nas últimas décadas, presenciamos um fenômeno de grande beleza, fruto da assunção do Colégio, pelos educadores Kaimbé: as gerações mais novas passaram a “ensinar” às gerações mais antigas o que é ser indígena Kaimbé. Explicamos: conquanto a identidade e a cultura Kaimbé sejam trabalhadas no currículo adotado, pela etnia, no CEIDJBP, as novas gerações desenvolveram um profundo senso de identidade étnica. Isso implica afirmar que os jovens Kaimbé professam imenso orgulho da sua etnia, reinventando-a, a cada dia, perante a sociedade contemporânea. Como os mais velhos não tiveram acesso a essas construções simbólicas, terminam sendo conduzidos, pelos mais novos, a esse orgulho de pertencimento.

Não queremos afirmar, com isso, que os indígenas Kaimbé mais velhos não tenham orgulho da sua identidade étnica, do seu pertencimento e da sua cultura. Muito pelo contrário, a identidade Kaimbé constituiu o amálgama

simbólico que os mobilizou à emergência étnica e à retomada do Massacará. O que estamos pontuando é a capacidade dos jovens alunos e egressos do CEIDJBP de expressar a sua cultura, colocando-a em termos midiáticos contemporâneos, através das redes digitais e de outras mídias. Nesse processo, abrem espaço para que as referências mais idosas da comunidade possam falar, diretamente, para a sociedade de entorno, levando a História e a cultura Kaimbé àqueles que não as conhecem.

Araújo, Carvalho e Carelli (2010) e Oliveira (2014) chamam a atenção para o fenômeno de apropriação dos meios de comunicação, por parte das novas gerações indígenas brasileiras, atrelando-o – menos ao domínio técnico e tecnológico dos meios do que – ao domínio das linguagens das suas próprias identidades étnicas. Entendemos que, enquanto jovens, os estudantes e egressos do Estadual Indígena Dom Jackson Berenger Prado adiram às tecnologias, próprias da sua geração, mas fascina-nos o uso que fazem dessas tecnologias para as causas étnicas e para as mobilizações Kaimbé. Parece-nos que esse seja um dos efeitos do compromisso e do trabalho, realizados pelos professores, gestores e lideranças Kaimbé, no Colégio.

Sobre a maneira como os professores trabalham a cultura Kaimbé, nas suas disciplinas, o que nos foi dito pode ser observado no Quadro 2, abaixo:

Quadro 2: respostas dos professores à segunda pergunta da entrevista, 2020.

<b>Questão 2: Como Trabalha a História e a Cultura Kaimbé na sala de aula?</b>	
Professor A	Realizo minha pratica a partir dos assuntos explorados ou nos rituais, nas festas tradicionais comemorativas do calendário Kaimbé, levando em consideração todas as atividades desenvolvidas dentro da comunidade. Na minha escola tem o professor de cultura e artesanato, onde ensinam os artesanatos local e também leva para sala de aula os conhecidos, ou seja, as histórias dos nossos povos mais idosos, fala da importância da nossa tradição.
Professor B	Trabalhamos sempre voltada a nossa comunidade. Os benefícios que temos, o que já conquistamos, e sempre associamos às comunidades de outras aldeias, para assim garantir as diferenças entre as outras comunidades.
Professor C	Minha pratica pedagógica é voltada para a realidade dos alunos, da comunidade, não esquecendo de envolver outras culturas.

	Sendo que essas realidades serão trabalhadas nas diversas matérias.
Professor D	Eu, na sala de aula procuro envolver tudo que temos na nossa aldeia: agricultura, artesanato, e envolver outros materiais. Trabalho com vários tipos de material didático, ou seja, procuro envolver o aluno, mostrando livros de outras etnias e mostrando o livro que temos aqui.
Professor E	Trabalho com artesanato, brincadeira, história, dança, etc.

Fonte: confeccionado por Canton (2020).

As respostas dos professores traduzem um modelo educacional holístico, vivencial e comprometido com a cultura da etnia. D'Angelis e Veiga (1997), Carvalho (1998) e Paladino e Collet (2014) já chamavam a atenção para essas características, assumidas na Educação Indígena. Com efeito, entendemos que o modelo escolar indígena é holístico, não restritivo e horizontalizado, buscando a elaboração coletiva dos saberes, amparado numa concomitância das atividades de ensinar e aprender. A disposição dos itens pedagógicos atende a uma interpretação cultural que, em última instância, revela uma cosmovisão legitimamente indígena, tal como ocorre no Massacará dos Kaimbé.

Em relação ao material didático, questionamos, aos professores, se sentiam falta de algo mais específico, para trabalhar a História e a Cultura Kaimbé. As respostas que obtivemos podem ser conferidas no Quadro 3, abaixo:

Quadro 3: respostas dos professores à terceira pergunta da entrevista, 2020.

<b>Questão 3: Sente falta de material didático específico para trabalhar as questões históricas e culturais do povo Kaimbé?</b>	
Professor A	Os livros didáticos quando chegam às nossas escolas são insuficientes [para] a quantidade de alunos. Sabemos que tem muitos materiais didáticos de outros de autorias indígenas, [desejamos] que esses materiais sejam publicados e que criem um acervo para todas as escolas.
Professor B	Quanto ao material didático teríamos que ser mais atenciosas ao pegarmos os livros, pois alguns não são fundamentais para todas as series, precisa de jogos, e outros desenvolvimentos e esclarecimento que, na maioria das vezes, os livros didáticos não nos oferece.
	O nosso material didático é muito pouco, pois só chegam aqui em nossa escola folha de ofício, giz de quadro, os demais, temos

Professor C	que comprar, para desenvolvermos um bom trabalho. A nossa língua materna está sendo esquecida, precisamos resgatar; trabalhamos a Língua Portuguesa, mas necessitamos da língua materna. Por isso, devemos pesquisar com nossos antepassados.
Professor D	Seria interessante que nós tivéssemos nossos próprios livros, seria importante trazer outras atividades para os alunos não só escrever, mas, sim, atividades que envolvessem o desempenho dos alunos, espero que cada vez mais nossos alunos possam ser cada vez mais privilegiados com a nossa educação, espero que Educação Indígena melhore cada vez mais.
Professor E	Eu não uso muito material didático, as vezes eu uso, trabalho com desenhos, cópia, eu mesmo não tenho livro, trabalho na mente. Acho importante que tenha porque desperta muito os alunos. Para aula de cultura é importante que tenha lápis de escrever, lápis de cor, régua, tinta, papel, pincel, a palha, fibra, cipó, sementes, as vezes linha, que aí é o conteúdo que trabalho com eles. Acho interessante que tenhamos livros de nossa própria comunidade que daí eles vão tendo conhecimento como é que era a história antigamente de nossos antepassados. Eu percebo que eles se interessam muito pela aula de artesanato e se interessam muito por ouvir as histórias dos nossos bisavós, tataravós, avós, mãe e pai.

Fonte: confeccionado por Canton (2020).

Entendemos que a Educação Indígena tenha estado sob a égide do conceito indigenista de “tutela”, durante muito tempo, e que, somente nas últimas décadas, tenha feito o movimento de sair de uma “educação para índios” em direção a uma Educação efetivamente multicultural e interétnica (BERGAMASCHI, 2007; 2008; SCANDIUZZI, 2009). Esse é, certamente, um dos principais motivos, pelos quais, não temos, ainda, no país, um projeto editorial, voltado para a confecção de livros didáticos indígenas, segmentados por etnia. Os poucos livros, marcados por essa natureza, são produzidos nas próprias escolas indígenas, com poucos recursos. Assim, a reiterada queixa dos professores Kaimbé sobre a ausência de publicações, que os pudessem auxiliar nas suas atividades pedagógicas, é pertinente e atual. Nesse sentido, em muitas ocasiões, sugerimos a adoção do sistema de autopublicação *on*

demand<sup>6</sup>, para que possam confeccionar, junto com os estudantes, um material didático adequado às suas necessidades.

Sobre as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores do CEIDJBP, no exercício da docência indígena, as respostas dos professores estão alocadas no Quadro 4, abaixo:

Quadro 4: respostas dos professores à quarta pergunta da entrevista, 2020.

<b>Questão 4: Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores do Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenger Prado?</b>	
Professor A	Queremos um acompanhamento dos pais está faltando. Precisa se interagir para podermos desenvolver esse trabalho com mais eficácia, pelo menos uma visita de cada semana, cada pai ou liderança na escola.
Professor B	Na maioria das vezes não temos materiais necessários de cada serie, para cada aula. Por exemplo, elaborando um projeto e não são envolvidos materiais que não temos na escola por não ter esse assessoramento no devido lugar. A escola está sim precisando de mais material para desenvolver o nosso trabalho.
Professor C	Nossas dificuldades são locais para desenvolver uma boa Educação Indígena, recursos e acompanhamento pedagógicos, pais e escola. Precisamos achar a maneira para fazer com que o aluno queira e sinta prazer em ir para escola.
Professor D	---
Professor E	É falta de uma atividade diferentes para eles porque como cultura é bom que tenha outras diversões, hoje mesmo fui mostrar as fotos, ali mesmo [foto passando na TV em sala] é uma brincadeira de roda do Boi do Araçá e eles gostam demais, e é interessante é bom trabalhar com variedade de conhecimento.

Fonte: confeccionado por Canton (2020).

Sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores indígenas do CEIDJBP, percebemos que não destoam daquilo que costuma ser escutado de quaisquer professores do Fundamental ou do Ensino Médio. São queixas sobre a ausência da família na escola, sobre o desinteresse dos estudantes, sobre a necessidade de mais recursos didáticos etc. Ressaltamos que, muito naturalmente, essas queixas dos professores ocorrem, na ausência de

<sup>6</sup> Cf. Infra, “5 Resultados das intervenções: ações de divulgação da História, das memórias e da cultura Kaimbé”.

problemas específicos sobre a possibilidade de trabalharem desde uma perspectiva étnica. Ou seja, como no CEIDJBP a educação multicultural e interétnica funciona realmente, os problemas docentes se mantêm – ou se deslocam – para as questões básicas de qualquer instituição educativa.

Em relação ao que imaginam que possa ser melhorado nas atividades docentes do CEIDJBP, os professores se manifestaram, conforme o conteúdo visto no Quadro 5, abaixo:

Quadro 5: respostas dos professores à quinta pergunta da entrevista, 2020.

<b>Questão 5: Como melhorar a Educação Indígena oferecida no Colégio?</b>	
Professor A	---
Professor B	Primeiramente a união de todos. Em parcerias com as secretarias e com a própria comunidade. O melhor de cada um todos os professores já fazem um professor faz o possível para melhorar o aprendizado de cada aluno.
Professor C	Precisamos de livros de historinhas. Poderíamos fazer projetos que envolvam pais, família e escola; mais reuniões, jogos, brincadeiras ou até mesmo um dia de aula com alunos e pais.
Professor D	---
Professor E	É valorizar a nossa etnia e demonstrar a nossa cultura, como Kaimbé.

Fonte: confeccionado por Canton (2020).

Do mesmo modo como os problemas apresentados pelos professores estiveram situados em uma agenda convencional, de quaisquer outros professores indígenas ou não indígenas, entendemos que as sugestões para a melhoria do trabalho docente no CEIDJBP também foram subscritas ao rol do discurso convencional, com exceção do Professor E, que frisou a valorização étnica e cultural. Isso também nos parece um sinal de que a proposta de Educação Indígena multicultural e interétnica esteja funcionando, na instituição.

Para os professores indígenas e a comunidade, os cursos de Magistério Indígena e o LICEEI foram muito importantes. Eles possibilitaram oportunidades e o resgate de momentos adormecidos da história de luta e tradição do povo Kaimbé, revitalizando sua cultura. O aperfeiçoamento profissional dos professores e o engajamento do Colégio, em conjunto com a comunidade e com

cacicado, trouxeram muitas melhorias para o contexto educacional, o que só fortaleceu o que já existia. Os Kaimbé trabalham com interação e troca de conhecimentos entre o Colégio e a comunidade, sempre pensando na coletividade, e já haviam iniciado o registro dos conhecimentos de seu povo, ampliando ainda mais para quem fez o Magistério, pois a comunidade passou a contar com professores pesquisadores.

Graças à conscientização, está havendo um envolvimento dos jovens, o que contribuiu sobremaneira para a união do grupo, sendo muito significativo pois, por um período, houve grande evasão da escola em decorrência do trabalho no campo, o que ocasionou atualmente uma grande demanda de alunos.

Atualmente, o CEIDJBP conta em seu maior número com alunos indígenas e não-indígenas, constituindo um fenômeno de grande importância, em se tratando de lutas por reconhecimento territorial e pertencimento étnico. A instituição escolar tem seu papel fundamental uma vez que é *lócus* de aprendizado e afirmação de uma cultura, que vem sendo transmitida para os mais jovens e aos mais velhos que tiveram seus direitos negados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, questionados sobre a importância da Educação para construção de uma identidade étnica e sobre o que é ser indígena, os professores enfatizaram o potencial de empoderamento identitário, que as instituições educacionais indígenas possuem e de como isso é importante na formação das gerações mais jovens. De maneira geral, os professores se mostraram preocupados com a participação dos pais nas escolas e colégios e a necessidade de mecanismos metodológicos para auxiliar nas aulas.

Em relação ao material didático, os professores relataram a necessidade de acesso a livros com a temática indígena. No caso da etnia Kaimbé, existe pouquíssimo material disponível. Os que existem são, em sua maioria, de tom acadêmico, o que os torna de difícil acesso, no que tange à

linguagem, para os estudantes da Educação Infantil, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos.

Esses professores Kaimbé tornaram o espaço do CEIDJBP um núcleo da Cultura Kaimbé, dotando-o da mesma subjetividade encontrada em outros espaços do Território Indígena do Massacará. De fato, com a adoção do currículo diferenciado e a assunção de práticas pedagógicas ancoradas na sua cultura e na sua identidade, o Colégio passou a catalisar as iniciativas culturais da comunidade, exprimindo-as ns seus eventos culturais, como acontece na Feira de Cultura Indígena Kaimbé, o mais importante da Região, no quesito cultura indígena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller de; CARVALHO, Ernesto Ignácio de; CARELLI, Vincent Robert. **Cineastas indígenas**: um outro olhar: guia para professores e alunos. Olinda: Video nas Aldeias, 2010.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Educação escolar indígena: um modo próprio de recriar a escola nas aldeias Guarani. **Cadernos CEDES** (Centro de Estudos Educação e Sociedade), Campinas/SP, 27, no. 72, p. 197-213, mai./ago. 2007.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SILVA, Rosa Helena Dias da. Da escola para índios às escolas indígenas. Presente! **Revista de Educação**. Ano 16, nº 63, p. 22-31, dez / 2008.

CARVALHO, Ieda Marques de. **Professor indígena**: um educador do índio ou um índio educador? Campo Grande: UCDB, 1998.

D'ANGELIS, Wilmar; VEIGA, Juracilda (Org.). **Leitura e escrita em escolas indígenas**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1997. (Col. Leituras no Brasil).

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51, pp. 523-536, set.-dez. 2012

MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. **Revista Linhas**, v. 16, n. 32, pp 10-33, 2015.

OLIVEIRA, Bruno Pacheco de. **Mídia índio(s)**: comunidades indígenas e novas tecnologias de comunicação. Rio de Janeiro: Contra Capa; LACED, 2014. (Série traçados, v. 4).

PALADINO, Mariana; COLLET, Célia; RUSSO, Kelly (Org.). **Quebrando preconceitos**: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Laced, 2014. (Série Traçados, v. 3).

RAMOS, Humberto Teixeira. **A dimensão da autonomia na educação escolar indígena da aldeia Kaimbé**. 200f, dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **Educação Indígena X Educação Escolar Indígena**: uma Relação Etnocida em uma Pesquisa Etnomatemática. São Paulo, UNESP, 2009.

SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da (Org.). **A temática indígena na sala de aula**: reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/2008. 3ª ed., Recife: Ed. UFPE, 2020.

SOUZA, Bruno Sales de. **Fazendo a diferença**: um estudo da etnicidade entre os Kaimbé do Massacará. Salvador/BA, 164 f., dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1996.